



Repensar Portugal, a Europa e a Globalização

Saber Padre Manuel Antunes, SJ – 100 anos

José Eduardo Franco e Guilherme d'Oliveira Martins

Coordenação científica

Susana Alves-Jesus

Coordenação executiva

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2022

Repensar Portugal, a Europa e a Globalização

Saber Padre Manuel Antunes, SJ – 100 Anos

José Eduardo Franco e Guilherme d'Oliveira Martins

Coordenação científica

Susana Alves-Jesus

Coordenação executiva

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2022

EDIÇÃO Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: imprensa@uc.pt | URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc | Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA José Eduardo Franco e Guilherme d'Oliveira Martins

COORDENAÇÃO EXECUTIVA Susana Alves-Jesus

COORDENAÇÃO EDITORIAL Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO E EXECUÇÃO GRÁFICA Carolina Grilo

REVISÃO Ana Rita Araújo, Carlos Serra, João Diogo Loureiro e Milene Alves

TRADUÇÃO Ana Rita Araújo, José Bernardino, Julia Bogado, Maria João Nobre e Porfírio Pinto

FOTOGRAFIA DA CAPA -

ISBN 978-989-26-2224-8

ISBN DIGITAL 978-989-26-2225-5

DOI [HTTPS://DOI.ORG/10.14195/978-989-26-2225-5](https://doi.org/10.14195/978-989-26-2225-5)

DEPÓSITO LEGAL 492329/21

APOIO EDITORIAL E DISTRIBUIÇÃO Theya Editores – CEG-CIPSH-UAb

Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes – IECCPMA
Rua Ladislau Patrício, 8, 1.º A | 1750-136 Lisboa | (00351) 934 323 983 | 969 977 702
theyaeditores@gmail.com | <http://theya-ed.org/>

Centro de Estudos Globais / Cátedra CIPSH de Estudos Globais da Universidade Aberta – CEG-CIPSH-UAb
Palácio Ceia, Rua da Escola Politécnica, 147 | 1269-001 Lisboa

As imagens publicadas na presente obra foram cedidas pelos autores dos textos que a compõem, que se responsabilizam exclusivamente pelas mesmas.

Coleção promovida em parceria com o DEG – Programa de Doutoramento em Estudos Globais/CEG/UAb e com a Fundação Calouste Gulbenkian, e em associação com a Theya Editores do IECCPMA.

COLEÇÃO DE ESTUDOS GLOBAIS

DIREÇÃO DE Guilherme d'Oliveira Martins, João Relvão Caetano e José Eduardo Franco

© JANEIRO 2022, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Repensar Portugal, a Europa e a Globalização:
Saber Padre Manuel Antunes, SJ – 100 Anos /
coordenação científica José Eduardo Franco e
Guilherme d'Oliveira Martins

ISBN – 978-989-26-2224-8 (ed. impressa);
ISBN – 978-989-26-2225-5 (ed. eletrónica)

I – FRANCO, José Eduardo
II – MARTINS, Guilherme d'Oliveira

CDU -

Manuel Antunes

O lugar das humanidades no futuro da educação

Manuel Antunes: The place of the Humanities in the future of education

Artur Manso

UNIVERSIDADE DO MINHO / artur.s.manso@gmail.com / ORCID | 0000-0002-7006-7863
https://doi.org/10.14195/978-989-26-2225-5_31

Resumo: O Padre Manuel Antunes (1918-1985) foi um mestre com uma visão fora do comum que anteviu, a partir da segunda metade do século XX, o fim do ensino das humanidades algumas décadas antes da era da tecnologia, da informação e da massificação das redes sociais. A sua argúcia e meditação aturada, juntamente com as excecionais capacidades pedagógicas que possuía, levaram-no a entrever o regresso das mesmas num tempo a vir que se lhe apresentava adverso. Convencido de que cada indivíduo se faz Homem na sua humanidade e de que será impossível compreender-se fora da tradição e cultura de que é devedor, quando num futuro mais ou menos longínquo estiver saturado da informação sem objetivo e da convivialidade sem propósito, a sua condição levá-lo-á a procurar de novo as raízes e o sentido íntimo do seu destino, individual e coletivo.

Palavras-chave: educação; cultura; humanidades; pedagogia

Abstract: Father Manuel Antunes (1918-1985) was a master with an unusual vision who foresaw, from the second half of the 20th century, the end of teaching in the Humanities a few decades before the age of technology, information and the massification of networks social policies. His shrewdness and measured meditation, together with his exceptional pedagogical abilities, led him to glimpse their return in a time of adversity. Convinced that each individual becomes a Man in his humanity and that it will be impossible to understand himself outside the tradition and culture of which he is indebted, when in a more or less distant future he is saturated with information without purpose and coexistence without purpose, his condition will lead him to seek again the roots and the inner sense of his destiny, individual and collective.

Keywords: education; culture; humanities; pedagogy

Propósito

Aqueles que frequentaram as aulas do professor Manuel Antunes não referem ter estado em presença de um excelente professor, mas na companhia de um mestre, próximo da sabedoria, isto é, da simplicidade. Não existirão muitos em todo o mundo. É, por isso, um privilégio que Portugal o tenha entre os seus maiores mestres da palavra. Na atualidade, ainda há alguns respeitáveis intelectuais que

ensinam, escrevem e divulgam em torno do apagamento das humanidades nas componentes curriculares dos países ocidentais, nos seus diversos níveis: básico, secundário e superior.

A indiferença pelas humanidades não é, como se supõe, fruto da sociedade tecnológica: alastrou com ela, mas teve o seu início com a explosão do conhecimento científico e com o posterior triunfo da mentalidade científico-positivista. O lastro tem por isso vários séculos. O primeiro nível de ensino a sofrer a erosão das humanidades, estranhamente, foi o universitário, cuja crítica Manuel Antunes partilha e alarga, a partir de 1950, à generalidade do ensino e da educação, tornando-se pioneiro na reflexão sobre o colapso das humanidades, pois só nos anos 1980, no contexto dos EUA, surgiu, com bastante publicidade na Europa culta, o ensaio de Allan Bloom intitulado *Cultura Inculta* (Bloom, 2001). O que caracteriza e distingue a reflexão antuniana é o facto de à crítica associar propostas futurantes para o ensino e educação que sirvam para enfrentar a erosão das humanidades no tempo que corre. É um modesto percurso por esse excursão que aqui tentarei fazer, percorrendo o seu ideário sobre o assunto nos correspondentes volumes da sua *Obra Completa*,¹ editada pela Fundação Calouste Gulbenkian.

A sociedade tecnológica e o fim das humanidades

Não deixa de ser verdade que as ciências da natureza fazem também parte da história da humanidade e que ganharam um estatuto próprio e de grande utilidade para a vida dos indivíduos e sociedades, mas isso não significa que o saber das humanidades deixe de lhes interessar, tanto mais que a realidade é um todo. A racionalidade acabou por se impor, com o designado «milagre grego», caracterizado pela passagem do mito ao *logos* e pela respetiva subalternização das categorias pré-lógicas que dominavam até aí. Os excessos da modernidade e do cientismo a ela associado originaram uma nova reflexão sobre os motivos de afastamento de ambas as mentalidades, e intelectuais como Manuel Antunes mostraram que esse corte era artificial e foi acalentado por pressupostos que não se verificavam, entendendo que a mentalidade racional era um prolongamento da mentalidade mítica: «[...] *mito* e *logos* são duas palavras gregas que significam palavra: *mito* palavra da fantasia, da imaginação, do passado, da narrativa; *logos* palavra da razão, do presente, da construção planificada, da função vetorial diretriz» (Antunes, 2010: 39).

¹ Conferir, para este estudo, Antunes, 2005a, 2005b, 2010 e 2011.

O triunfo das ciências naturais e exatas é devedor do progresso que o homem foi conseguindo, mas elas não deixam de ser o produto de uma reflexão que se conduz entre a realidade quotidiana e o desejo de uma outra coisa que se venha a impor. Não há mundo sem homens, e nada se consegue sem o impulso criador daqueles que olham a realidade e a transfiguram com as artes, a história, a poesia, a literatura, a ciência, expressões da potencialidade criativa dos humanos que, partindo daquilo que as coisas são, as projetam para outros planos, algumas vezes desejáveis, outras nem tanto. Sendo isto evidente, porque se foi perdendo, então, o sentido das humanidades na educação dos povos? Antunes poderia responder com Heraclito: porque, em vez do *logos*, os homens começaram a escutar-se a si mesmos, achando que a muita teoria tinha levado efetivamente a pouco progresso. Mas tais factos não invalidam o essencial:

A História da Cultura Clássica é a história das concepções do mundo e da vida, expressas em ideias, formas, estilos, sentimentos, através da literatura, da arte, da filosofia, da religião, da ciência e das estruturas jurídicas; história que tem o seu centro geográfico na área do Mediterrâneo e os seus limites temporais em Homero e na queda do Império Romano do Ocidente em 476. (Antunes, 2010: 173)

Ainda que a triunfante mentalidade científica não queira reconhecer e refletir sobre esse legado, a verdade é que o progresso atual é devedor dessa tradição, sendo necessário indagar sobre a condição de ser do homem enquanto promotor do progresso, que para Antunes se revela por uma relação horizontal com o mundo e o semelhante e por uma relação vertical com o Absoluto e que nestes enlances cria os valores culturais e civilizacionais: «Valores culturais são aqueles que vão no sentido do Absoluto, da Transcendência; valores civilizacionais são os que vão no sentido do Mundo. A Cultura cria Civilização e por sua vez a Civilização inspira cultura» (Antunes, 2010: 523).

Na valorização da dimensão cultural, mas também da luta dos povos pela sua autodeterminação e dos indivíduos enquanto agentes de construção de uma sociedade igualitária, não deixa de reconhecer o mérito a outras teorias e a outros teóricos que, sendo opostos à sua, são uma proposta de resposta aos desafios de cada tempo. Com esse propósito, releva Marx, e a sua teoria, por nos fornecer

uma imagem do homem e da sua condição que é das mais completas que os tempos modernos nos oferecem. Falta-lhe decerto a dimensão religiosa, profunda e explícita, e isso o limita de forma notável. Falta-lhe

também a experiência, larga e dolorosa, da criação estética, e isso lhe veda a visão de um dos sectores onde o ser do homem melhor se revela. (Antunes, 2005a: 103)

O marxismo e o tomismo, este último ideário por si preferido, por permitir a abertura à transcendência sem descuidar o concreto e o quotidiano, surgem-lhe como duas sínteses que se complementam, assentes numa dialética marcada pelo tempo, mas que continuam a perdurar. Mesmo que desfasadas da realidade em que se afirmaram, fornecem uma proposta de progresso, naturalmente condicionada pelo bem-estar material, e não tanto pela procura espiritual ou pela ligação do homem ao transcendente e à comunidade: «[...] integram em diálogo vivo e superior unidade fórmulas de pensamento e normas de ação, elaboradas ao longo de séculos, na procura e na dor, na esperança e na derrota, através de obscuro tatear ou após iluminações súbitas» (Antunes, 2005a: 181).

Como humanista e profeta do futuro, ancorado na meditação do passado, no desenvolvimento que as sociedades vieram a conhecer e no papel contraditório do homem no seio das mesmas, destaca também outros grandes mestres, como o filósofo existencialista Kierkegaard, exímio teórico da subjetividade, e os designados «mestres da suspeita», acrescentando ao já elogiado Marx Freud e Nietzsche, todos ineptos para a ação, mas vaticinadores da mudança, com contundentes análises sobre a natureza humana e seu destino. Dentro do século xx, continua a aplaudir outros pensadores de rotura, relevando Heidegger, que renovou a filosofia com o recurso à analítica existencial e à exploração da linguagem, e retornando às fontes da cultura e aos poetas cujo *logos* era necessário recuperar. A estes junta, ainda, Bertrand Russel, Wittgenstein, Husserl, Herman Bloch, Sartre, Jaspers, G. Marcel, Merleau-Ponty, Ortega & Gasset e Foucault, nas suficiências e insuficiências dos seus pensamentos. Só um espírito superior como o de Manuel Antunes se esforçaria por conciliar e agregar teorias que surgiram umas em reação às outras – individualistas e coletivistas, subjetivistas e objetivistas, espirituais e materiais – na aplicação prática das mesmas, que veio ganhando força, isto é, o capitalismo e o socialismo, que na sua época dividiam as atenções e sobre os quais partilha a ideia de que cada um por si, apenas, responde a uma parte dos nossos problemas:

[...] segrega o capitalismo a injustiça, o amor do lucro, a manipulação e a reificação do homem, a incerteza das crises económicas ainda hoje não completamente solúveis. [...]. Segrega o socialismo, quando aplicado em todas as suas dimensões, o totalitarismo, uma burocracia imobilista, uma

falsa segurança e a asfixia de algumas das aspirações mais profundas do homem. (Antunes, 2005b: 25)

Urgia que a educação fosse dirigida para a promoção e transformação dos indivíduos e das sociedades. E à época ainda mais, pois, como hoje é uma evidência, os estados submetem os povos que tutelam a regimes educativos que tratam de tudo: daquilo que é incumbência da escola, ou seja, a formação técnica e científica, e daquilo que deixou de ser partilhado com a família e a sociedade mais alargada, a formação moral e cívica: «Simple sinónimo de instrução, a educação é suscetível de conduzir a um larguíssimo domínio sobre a natureza mas pode conduzir também à mais espantosa das manipulações da psique humana» (Antunes, 2005b: 152). Era para si importante que os educadores, em especial os professores, pelo novo papel que têm de desempenhar, conhecessem e assimilassem as melhores ideias daqueles que idealizam a educação, o mesmo é dizer, os filósofos da educação, nomeadamente os que apresentam e sustentam reflexões realistas, sendo capazes de «conjugam sempre o passado e o presente, se intenta[m] realmente construir o futuro [...] sobre a base sólida do humano em totalidade e não sobre as nuvens fugazes de sonhos que se desfazem aos primeiros raios da claridade» (Antunes, 2005b: 155).

Nas décadas de 1950 e 1960, Portugal estava ainda longe de níveis aceitáveis de educação escolar. A própria formação pedagógica dos professores continuava a ser muito frágil e distante dos melhores modelos que já vigoravam havia décadas nos países mais avançados. O investimento nesta área era diminuto e, assim, Portugal permanecia na cauda da Europa e do mundo civilizado. Era ante este quadro que Antunes vaticinava que em breve surgiriam mudanças significativas:

No contexto que é o nosso, o sistema de educação, que se torna necessário redefinir, deveria girar em torno de dois polos que mutuamente se atraíssem e implicassem: a ciência e a sabedoria, os factos e os valores. Excluir ou minimizar qualquer deles acarretaria decerto consequências desagradáveis [...]. As ciências são necessárias porque cada vez mais o mundo se encontrará dominado pelo conhecimento empírico e pelo princípio da verificação experimental [...]. A ciência não chega para compreender o mundo; torna-se por isso necessário que seja acompanhada da sabedoria. As duas poderão constituir o magnífico par de asas com que o homem conseguirá erguer-se um pouco acima dos conflitos de toda a ordem que têm ensombrado a sua condição desde há milénios. (Antunes, 2005b: 155-156)

O nível a que deveria aspirar a realidade educativa que antevia não ficaria refém de uma ciência que apenas satisfaz uma parte das preocupações do homem. A outra fração que nos deve aumentar o discernimento na procura da nossa razão de ser só pode ser adquirida por uma reflexão aturada acerca do que fomos, do que somos e do que desejamos vir a ser:

[...] a ambivalência das suas tendências, das suas capacidades, dos seus limites. O conhecimento explícito ou implícito, direto ou indireto, se não constitui a essência da virtude, como pretendia Sócrates, representa, decerto, a sua condição [...]. O conhecimento daquilo que é, a criação daquilo que deve ser. (Antunes, 2005b: 157)

É essencial que os Estados tenham um sistema educativo universal, para que cada um se liberte da bestialidade e se torne cooperante, adquirindo bases alargadas para responder às suas interrogações individuais e coletivas. Se assim não for, o homem pode perder a sua humanidade ou perder-se dela, regressando à selvática animalidade, que corresponde à ausência de valores e propósitos verdadeiramente humanos:

Uma educação ou é total ou simplesmente não é [...] ou tem em conta *todas* as aspirações do homem ou não passa de um logro. Pretender construir uma «ciência» da educação sem que nela influa, para nada, nem a moral nem a metafísica é edificar sobre a areia. É o *todo* do homem que está em causa e não apenas a inteligência. (Antunes, 2005b: 175)

Pensar um sistema educativo para o futuro é situar o homem na sua história, dando-lhe conta do passado já realizado e dos anseios a prosseguir, nunca desprezando a realidade que é a nossa em diálogo com o que outros povos em outros lugares já fizeram e estão a fazer, pois um sistema educativo deve ser concreto e não abstrato, deve partir da realidade das comunidades a que se quer aplicar. Sem educação, o progresso será limitado, pois sem ela a cultura nem se constrói, nem se amplifica:

Num momento em que se descobre que o futuro das Nações se encontra intimamente ligado à sua capacidade tecnológica e científica e num momento em que, para a sobrevivência das mesmas nações, se revela altamente necessária a sua consciencialização histórica e cultural, as questões educativas atingem uma importância que, de tão elevada, dificilmente se pode sobrestimar [...] importa que se definam princípios de verdadeiro

humanismo, se fixem as bases para a sua aplicação, se criem aquelas estruturas móveis que, consentindo todas as experiências e possibilitando todas as adaptações, não deixem contudo de funcionar como estruturas, isto é, como quadros que ajudem a fazer de cada homem uma consciência e uma autêntica liberdade. (Antunes, 2005b: 216)

Mostrando uma fé exagerada no Estado, Manuel Antunes estava convencido de que, no futuro, os seus impulsos mais ou menos totalitários não ganhariam grande expressão ao nível do ensino e da educação, que, em seu entender, deveriam ser responsabilidade conjunta da família e do Estado. Contrariando os seus vaticínios, o paradigma que triunfou levou o Estado a absorver por completo o ensino e a formação, universalizando-os e colocando o ensino particular e cooperativo sob a sua alçada. Ensinar e aprender em escolas públicas ou privadas acaba por ser a mesma coisa, já que numas e noutras apenas difere a organização pedagógica e o projeto educativo, mantendo-se idênticos as finalidades, os objetivos e os programas:

Instituir a educação mista – intelectual e manual – na mais ampla escala possível, ao nível secundário e superior, principalmente, seria criar um «efeito Compton» de larguíssimo alcance; através dele, ir-se-ia difundindo uma nova consciência da humanidade concreta; através dele, a ideologia economista, produtivista e consumista iria perdendo o seu impacto; através dele, ir-se-ia afirmando, nos factos, um sentido de igualdade entre os homens mais real e menos ideológica; através dele, ir-se-ia verificando que a melhor compensação para o «não ser» não é o ter; através dele, iriam caindo ou, pelo menos, ir-se-iam diluindo tantos mitos funestos, tantas ilusões redutoras, tantas fantasmagorias que, nos últimos tempos, sobretudo, têm provocado ruínas incalculáveis. (Antunes, 2005b: 283)

Como refere várias vezes, seguindo as indicações da UNESCO, o ensino e a formação, essencialmente, deveriam ajudar a ser e daí derivar o saber fazer. Mas a verdade é que o seu desenvolvimento foi o inverso, uma vez que na escola se aprende a fazer e esquece-se o ser. Os indivíduos trabalham mais ou menos arduamente para serem os melhores e os mais bem remunerados nas suas áreas, mas do seu carácter e civilidade ninguém trata. Como os programas escolares os afastam da educação humanística, a conclusão é óbvia: a escola arrisca-se a produzir bons profissionais e más pessoas. Mas a verdade é que o objetivo das instituições

escolares nunca foi muito diferente, nem se prevê que venha a ser, pelo menos as que se desenvolveram nos modelos tradicionais:

O impacto da ciência é hoje particularmente sensível sobre os jovens em formação, sobretudo a partir da adolescência. Estalam os quadros tradicionais, as ideologias perdem prestígio a olhos vistos, as religiões encontram dificuldade na adaptação das suas fórmulas e estruturas, os grandes instáveis, que são os jovens de hoje, sofrem uma pavorosa crise de identidade. (Antunes, 2005b: 299)

A sua oposição à escola de massas nada tem que ver com a escolarização maciça, mas sim com a finalidade de um ensino que visa uniformizar os indivíduos pondo os resultados dos conhecimentos ao serviço do bem próprio e do triunfo sobre o outro. Já que Portugal estava atrasado nas reformas da educação, então deveria evitar os modelos massificantes que se iam impondo, criando escolas que atendessem à natureza do homem, que é por natureza inventivo e transformador, capaz de criar e recriar, acrescentando sempre algo mais à natureza em que se gera e se desenvolve. Para tanto, não era preciso uma grande revolução, apenas que se olhasse para o futuro com o conhecimento do passado:

Até há pouco, o homem europeu tinha feito da literatura, das artes, da história e da filosofia a fonte principal da sua formação. Quando depois se dedicava às ciências, ou a um ramo peculiar delas, o lastro humanístico impedia-o de se precipitar nos baixios que todo o excessivo e prematuro especialismo traz consigo. Hoje, porém, está a ganhar terreno a tendência para substituir a história pela sociologia, a filosofia pela matemática, e a de ir eliminando a literatura e as artes como expressões da era pré-científica. (Antunes, 2005a: 27)

No seio de tamanha confusão entre as bases do conhecimento e aqueles que hoje o administram, os sociólogos passaram a ensinar a História que não aprenderam, os matemáticos lecionam a filosofia que ignoram e os detentores da formação científica, por vezes muito avançada, dissertam como autênticos eruditos sobre literatura e artes que só conhecem da Wikipédia e pouco mais:

A sair completamente vitoriosa tal orientação, a ciência ganhará com certeza em alargamento, rigor e precisão, a ciência que tem como condição primeira do seu progresso a divisão do trabalho. Ganhará a ciência mas é duvidoso que ganhe igualmente a humanidade. (Antunes, 2005a: 27)

A verdade é que esse rumo acabou por triunfar e que os sistemas de ensino e educação que vigoram deixaram de se dirigir a todos os interesses do indivíduo, preocupando-se apenas com a capacidade transformadora. O sujeito é aquele que vê, observa, pondera, escolhe, e a educação deveria ser capaz de restituir o homem ao Homem, colocando-o no centro da criação. Só educando a partir do concreto e da compreensão dos limites se pode perscrutar o sentido e a finalidade da existência. Não é óbvio que no tempo que corre a ciência tenha mais consciência do que na época em que Manuel Antunes viveu. O mundo culto continua acantonado à ideia de progresso e de grandes transformações sustentadas no intelecto e na capacidade criativa da humanidade. Agora vivemos na crença estúpida de que as humanidades são algo intrínseco a cada um e de que não é preciso esforço para adquirir o seu conhecimento. Os decisores educativos, já formados em modelos de estrito cientismo mecanicista, acreditam que para nada serve perder tempo a ensinar coisas sem utilidade, quando o conhecimento sobre as mesmas pode ser adquirido com facilidade no mundo virtual. A formação humanística desapareceu porque na sociedade das mais-valias ela não gera qualquer lucro:

A cultura de hoje sofre de um excesso de intelectualismo que se traduz na crença da universal competência e da absoluta suficiência do pensamento conceptual, abstrato, discursivo e operatório para explicar e compreender o universo em totalidade. É essa crença que, por um fenómeno de compensação, bem conhecido dos psicólogos, produz o seu contrário: o retorno das potências vencidas ou desconsideradas, a onda de irracionalidade que alastra no mundo de hoje. (Antunes, 2005b: 93)

O retorno ao humanismo e à razão sensível

Ao tempo de Manuel Antunes, no campo do ensino e da educação, sucedeu-se um alargamento, em finais dos anos 1960, tendo, de seguida, a democracia instaurada demorado a consolidar esta prioridade. Na verdade, o progresso era pouquíssimo, face ao que os outros países já haviam conseguido, porém, alguma coisa se ia acrescentando, mesmo que de forma incipiente e sem visão de futuro. Portugal, sabendo o que lhe faltava fazer para acompanhar os outros países, continuava na letargia que o caracteriza, neste como nos outros sectores que permitem acelerar o progresso:

Na teia complicadíssima do nosso tempo, em que as mais diversas e opostas racionalidades se apresentam e, não raro, conflituam [...], em que [...] os esquemas do passado e os comportamentos do passado parecem sofrer um colapso que, por vezes, tem o ar de ser total, deixando os espíritos sem bússola e sem amparo, o *nihil mirari* (de nada se admirar) estoico pode fornecer o remédio de excelente medicina preventiva. (Antunes, 2005b: 30)

A educação impõe-se como um instrumento em prol da paz, da justiça e da liberdade, em oposição à intolerância e ao fanatismo, à exclusão e à guetização do que hoje se designa como o politicamente correto. A ser assim, deve ser uma atividade e um processo que têm no homem o seu ponto de referência:

[...] o homem tem de ter meios, liberdade de escolha, formação que o habilite para uma verdadeira opção (substituir através do sistema de ensino a ideologia e valores dominantes por outro sistema educativo mais universal e humanamente mais produtivo [...] em que se facilite a cada homem adquirir por si os conhecimentos de que sente necessidade) [...] um sistema em que mais que a «tradição» se fomente a invenção, mais do que a repetição se fomente a criação. (Antunes, 2005b: 111)

Qualquer que seja o sistema de educação que se venha a adotar, não pode prescindir de um modelo que o informe e de princípios que o guiem. A política educativa tem sempre uma ideologia subjacente, move-se com propósitos por vezes pouco claros e busca fins em parte ocultos. Pensar num sistema de educação baseado na espontaneidade e no que interessa a cada momento a uma dada sociedade e cultura é não entender nada da natureza humana. Manuel Antunes apelava a que se pensasse o que seriam as exigências da educação no terceiro milénio e, por isso, contrariando o ideário que o cientismo positivista ia alimentando, assente na fórmula comteana de *saber para prever para poder*, contrapunha-lhe o *formar para imaginar para edificar* e traçava-lhe as seguintes prioridades:

Primado da formação sobre a informação [...] prepara para desenvolver capacidades, responder ao como e porquê da existência [...]; Primado das ciências do homem sobre as ciências da natureza [...] só assim o homem caminhará para a realização de uma existência integral [...]; Primado do permanente sobre o transitório [...] movimento para encontrar o simples aquém e além do complexo, o sentido do tempo para lá do histórico [...]; Primado da imaginação sobre a razão [...] sendo a imaginação e a razão com-

plementares, trata-se de discernir, na perspectiva do amanhã, qual das duas deva constituir o vetor dominante e quais os termos desse domínio [...]; Primado da socialização sobre a individualização [...] socialização um processo histórico [...] destinado a libertar o homem da estreiteza do amor exclusivo de si mesmo para o levar à aceitação do outro enquanto outro [...]; Primado da personalização sobre a massificação [...] o homem nasce indivíduo e forma-se pessoa. (Antunes, 2005b: 118-130)

Os homens de amanhã não podem deixar de ser formados pela ciência e tecnologia, mas não *para* a ciência e *para* a tecnologia, pois todos os indivíduos, independentemente da relação que tiverem com a ciência, devem ter uma profunda formação humanística, no domínio da filosofia, da literatura, da arte e dos valores, pois sem essas dimensões o homem não saberá enquadrar o progresso material na sua verdadeira natureza. Assim, a educação

[...] deve guiar-se por três proposições fundamentais: *fé na Ciência; confiança na Imaginação; abertura à Transcendência* [...]. Só o transcendental confere significação e sentido aos dados imediatos da experiência, só ele consegue unir o singular e o universal, o estrutural e o genético, o lógico e o concreto, o histórico e o meta-histórico. (Antunes, 2005b: 132)

O homem ocidental encontra-se afastado da sua origem, desconhecendo em absoluto a herança de que é devedor, e isso é uma condicionante enorme na construção do futuro. Há uma espécie de adormecimento sobre o que sucederá, vivendo-se na expectativa, sem capacidade de antecipação. Nós, ocidentais, temos as nossas raízes na cultura grega e no cristianismo, não há volta a dar. A herança cristã está mais presente no nosso quotidiano do que aquilo que nos fazem crer, e é ela que dá aos europeus

[...] o sentido da transcendência e a certeza, revelada, da imortalidade pessoal; da filosofia, da literatura e da arte helénicas, que o ensinaram a pensar e a sentir com medida; da estrutura jurídica do estado romano, que o organizou e lhe ensinou a santidade do Direito e da Justiça. (Antunes, 2005b: 133)

Segundo Manuel Antunes, o cristianismo soube conciliar o melhor de cada tradição e, pela educação dos povos a que se dedicou, mesmo que rudimentar, manteve as bases da cultura e da civilização ocidentais. Integrou e não excluiu o

legado humanista e os costumes em que se afirmou. Na fé, estimulou a conciliação do Velho e Novo Testamentos, e na ciência, tentou modelar o conhecimento a uma ideia de homem que surge como o centro da criação, fator de progresso pelo exercício do livre-arbítrio. Nesta demanda, Manuel Antunes explica que os poetas, que foram durante séculos os educadores da Grécia, continuaram a sê-lo, ainda que de forma disfarçada, com o triunfo do *logos* sobre o mito:

Apesar de atacado pelos filósofos, Homero continua, nesses tempos de reflexão crítica, a ser explicado nas escolas. Agora, porém, ao lado da retórica e da dialética [...] quando o seu prestígio começa a declinar na Grécia, o seu magistério é transferido para Roma. Na Idade Média [...] muitos poetas da antiguidade pagã emergem do silêncio da barbárie, o magistério de Virgílio é universalmente reconhecido, sobretudo a partir da primeira grande Renascença do século XII. Magistério que havia de formar Dante. (Antunes, 2005b: 135-136)

Estes exemplos eram para si motivo suficiente para repensar o lugar da educação e da formação já na segunda metade do século XX. A realidade portuguesa era (e em parte ainda é) atávica e resistente à mudança. Os habitantes em cada época consideram que esse desígnio deve ser assacado àqueles que lhes sucederem, os quais, quando ocupam os lugares de decisão, fazem exatamente a mesma extrapolação. Um dia, não dá mais para esperar e a mudança surge abruptamente, sem plano nem direção. Consciente desta realidade, Manuel Antunes aconselha a que não se deixe para o futuro o que se exige em cada momento, pelo que, simultaneamente, elogia a educação científica e recupera a tradição que coloca o indivíduo mais próximo de si. Insistentemente, refere que o lugar central que a poesia ocupou na educação dos povos há muito que foi perdido e que também não se lhe afigura qualquer possibilidade de essa centralidade se tornar real num futuro próximo, pois a contemporaneidade tem assistido a uma radical transformação da natureza e do homem, centrada na ciência, na técnica e na tecnologia. Apesar de tudo, em seu entender, a poesia continuava a exercer uma função educativa relevante e insubstituível, por ser um exercício que mantém a

Função de dizer a realidade verdadeira pelo retorno ao ser, às profundezas do ser, ao Espírito e à Vida; função de nomear o desconhecido pela entrada decidida no reino do mistério; função de aproximar os homens pela comunicação; função de exprimir pela palavra [...] a dor e esperança,

a cólera e o amor desta humanidade incerta e atormentada [...]; função de nos fazer sentir a nossa condição itinerante [...] a nós os habitantes exilados duma Pátria remota que na nostalgia e no desejo experimentamos esse exílio. (Antunes, 2005b: 137)

Impunha-se-lhe, assim, que a poesia voltasse a ter um lugar de destaque nos sistemas de ensino, uma vez que, ante o triunfo da ciência e da tecnologia, será fundamental reequilibrar o homem e os seus interesses mais íntimos, e tamanha tarefa caberá

[...] tanto à poesia *intelectual*, mais fundada no sentido interno e no nexó lógico das palavras e das frases [...] como à poesia *sugestiva*, em que o sentido vem mais da atmosfera que as mesmas palavras, com as suas inesperadas combinações de som e ritmos, criam, induzem ou evocam [...] tanto à poesia exercício do espírito como à poesia expressão do sentimento. (Antunes, 2005b: 137-138)

A reflexão antuniana em torno da educação pauta-se por um real esforço de recuperar a razão sensível que desde a modernidade foi votada ao esquecimento, e neste desígnio a valorização da poesia ocupará lugar de destaque. Neste aspeto, elogia Safo, que decidiu viver à margem da conveniência social, dominada totalmente pelo masculino e em que as mulheres eram desprezadas e vistas como seres menores. Os direitos femininos, ao tempo em que escrevia, já não eram bem os mesmos, mas ainda estava (e continua a estar) longe uma igualdade plena com os direitos masculinos:

Safo representa, na cultura grega, um momento de graça feminina, de emoção pura e apaixonada, de intuição profundamente vital, no meio duma cultura predominantemente masculina, mais intelectual que sensível, mais conduzida pela razão lúcida e serena do que pela paixão impetuosa e túrbida. (Antunes, 2011: 247)

Esta poetisa soube descrever o encanto do sensível, quer dos corpos quer da natureza, mas também outros grandes poetas gregos nos deixaram sobre os mesmos assuntos poemas que poderiam ser os bordões da educação a haver. Nesse núcleo, Manuel Antunes destaca Anacreonte, Simónides de Ceos, Polícrates, Píndaro, Teócrito e os latinos Catulo e Horácio, a tragédia e a comédia, as manifestações romanas do teatro, Séneca e Plauto, os quais poderiam contribuir para a construção de um novo ideal educativo:

Um ideal onde o *logos* – a razão – domina como a faculdade mestra, sem no entanto suprimir nem a vida, nem o intelecto, nem a fantasia, nem o sentimento. Nele, a inteligência é anterior à própria inspiração, informa-o o ideal de harmonia entre o verdadeiro, o bom, o belo e o útil, harmonia entre as diversas partes do cosmos, como entre as diversas classes sociais, como entre os diversos sectores da existência. Ideal de ordem e de justiça. (Antunes, 2011: 425)

A educação é um todo e deve dirigir-se ao todo do homem: ao racional e ao sensível, à organização objetiva e aos desejos subjetivos. Manuel Antunes avançava que ou a educação cuidava do futuro por amor às humanidades, ou o futuro rejeitaria as humanidades por amor à ciência e ao progresso prometido. Em seu entender, já se tinha perdido muito tempo com uma educação científica, que estava garantida e não voltaria para trás, sendo agora necessário completá-la com os conhecimentos que caíram em desuso e que permitiriam conciliar

[...] o *empírico* e o *transcendental*, superando a ambos no *ontológico*. O fenómeno cultural total mergulha o homem numa grandiosa variedade de aspetos, de seres, de sons e de sentidos [...] que muitos caminhos, diferentes, procuram [...] presença dissimulada sob uma ausência de plenitude [...] fundamento de todas as aparências [...] universal concreto, aquém e além de todas as determinações [...] polo dinamizador de todos os desejos profundos e obscuros. (Antunes, 2005a: 20)

Na verdade, desde a passagem do mito ao *logos* que filósofos e artistas vivem de costas voltadas. Nesse período, a filosofia assumiu-se como conhecimento racional, em termos atuais, conhecimento científico, empurrando de imediato a literatura, a poesia e a arte para um plano secundário, e tal postura abriu brechas entre o que realmente é e o que se deseja que venha a ser. No campo específico da filosofia e das artes, tal aconteceu porque os filósofos passaram a agir sobre o abstrato e universal, enquanto os artistas se ativeram ao concreto e particular:

Os primeiros apoiam-se na inteligência e na razão, os segundos no sentimento e emoção [...] harmonizar uns e outros tem sido o objetivo dos estetas, constituindo – ou esforçando-se por constituir – uma ciência da emoção estética ou uma teoria do belo e do artístico universalmente válidas. (Antunes, 2005a: 32)

Antunes meditou ao longo da vida sobre o desenvolvimento do conhecimento e a sua implicação direta na evolução da humanidade, com o conhecimento firmado de que todas as tentativas de exclusão foram nefastas para a humanidade. O futuro não pode nem deve repetir os erros do passado, deixando o homem órfão da sua natureza, pois este ao longo dos tempos mostrou que o seu desejo de domínio se impõe ao de cooperação, o que acontece por não se reconhecer igual valor a todas as dimensões do conhecimento:

O homem é um espírito *incarnado*. Como tal pode realizar três formas superiores de conhecimento: científico, metafísico, estético. Três formas distintas mas não separadas. [...] O conhecimento científico exerce-se sobre o universal unívoco – do género e da espécie [...] o conhecimento metafísico tem como objeto o [...] absolutamente universal [...] o conhecimento estético visa o particular e o universal no e através do singular. (Antunes, 2005a: 34)

E, entre todos,

[...] o conhecimento estético é [...] o mais compreensivo e, sendo aquele em que alma e corpo mais estreita e eficientemente colaboram – sentimento originário – é essencialmente um conhecimento de simpatia, de adesão ao real, um conhecimento individualizante, um conhecimento saciante. (Antunes, 2005a: 34)

Este ideal opunha-se, e no tempo presente ainda mais, ao predomínio das ciências naturais e exatas sobre as ciências humanas, ao conhecimento útil relativamente ao inútil. Nas voltas que o mundo dá, o triunfo do capitalismo colocou em prática com toda a mestria o *slogan* marxista de que o mundo não é para compreender, mas sim para transformar. Os tempos, afinal, nunca acabam, nem com o triunfo ocasional do capitalismo, nem com a resistência do coletivismo, ou vice-versa. O conjunto da humanidade quer apenas, e deixa para outrem, a preparação do futuro, conforma-se à vida quotidiana, desde que não ameace o seu modo de vida. O imediatismo em que consome a sua existência torna-o pouco recetivo aos problemas que se irão colocar a longo prazo, e a Manuel Antunes, antevendo uma cada vez maior complexidade das sociedades, parece-lhe que os saberes humanísticos hão de voltar: a filosofia e a religião, para gerar a capacidade da contemplação; a literatura, poesia e artes, para aumentar a importância estética e a utilidade do ócio num tempo em que ele abundará; a história, para que cada

projeto conheça as raízes em que assenta e, a partir delas, saiba aprofundar e solidificar as escolhas em prol do bem comum. Os saberes que as humanidades facultam recentrarão o homem na sua humanidade e, recuperando o sentido da subjetividade, diminuirão o fosso entre a interioridade e a exterioridade, recentrando o sujeito naquilo que lhe é essencial. O ser do homem não é apenas produzir e transformar o real, mas sim procurar o seu lugar na complexidade do Ser. Para o seu projeto futurante, Antunes, ancorado na tradição, recupera, ainda, aqueles que são considerados os princípios da educação tradicional dos romanos, segundo a exposição de Cícero, que considera imortais – a *gravitas*, *pietas*, *simplicitas* –, afins dos eternos princípios de *liberdade*, *igualdade* e *fraternidade*:

Gravitas para os romanos representava o sentido da responsabilidade que se tornava necessário assumir, sempre, mas, sobretudo, quando urgia decidir algo de importância existencial ou histórica [...] *Pietas* funcionava como o vínculo, por excelência, que ligava o homem romano: aos deuses, aos membros da sua família – vivos e mortos, à Cidade. [...] *Simplicitas* devia inculcar o sentido do valor autêntico de cada pessoa e de cada coisa. (Antunes, 2005b: 105-106)

Para encerrar

Manuel Antunes preocupou-se em estabelecer pontes e em eliminar obstáculos, mesmo que, com alguma naturalidade, a sua teoria ressalve um forte teísmo. O autor estava ciente de que foi na ambiência grega que a cultura que nos marca se iniciou, mesmo que a afirmação da razão se tenha imposto pelo esquecimento do ser. As cisões foram sempre traumáticas, e aquilo que delas resultou acabou por se impor por uma espécie de pensamento uniforme que apela à ação, à razão, à ordem, à imanência, ao sentido único, ao trabalho transformador, e para tanto combate o mito, a superstição, a crença, a transcendência, o paradoxo, o lazer, o subjetivo, a contemplação. Juntamente com o seu contemporâneo, que lhe sobreviveu nove anos, Agostinho da Silva (1906-1994), Manuel Antunes pertence ao reduzido lote dos intelectuais mais desconcertantes do século xx português. Em comum, tinham a paixão pela cultura clássica, e viam o desenvolvimento da humanidade a partir desse húmus. Ambos se mostravam otimistas e foram pioneiros na crítica ao desenvolvimento da civilização contemporânea, no diagnóstico a que procederam do individualismo gerado pela sociedade capitalista e pelo triunfo da ciência e da

tecnologia (ainda no desconhecimento das redes sociais), na esperança de que, depois do longo esquecimento em que as humanidades continuam a permanecer, um dia haverão de ressurgir. Compete perceber o que nas diferentes teorias se pode aproveitar em benefício de todos, promovendo consensos, trabalhando no sentido da agregação, pois é da partilha que há de surgir a nova realidade que se procura. Ambos foram, pois, precursores do movimento intelectual, hoje mais alargado, que mostra que separar as humanidades da formação dos homens lhes reduz a possibilidade de um entendimento duradouro.

Antevendo a que no futuro se haveria de juntar a inteligência humana a outra que esta conseguiria originar, Manuel Antunes quis ajudar a construir um porvir de esperança, tendo aprendido com os *humanistas* de todos os tempos que, seja qual for o nível de progresso que se venha a alcançar, o homem não deixará de ser um enigma para si próprio. Esse fim, em seu entender, necessita de uma obrigatória consideração sobre a educação estética do ser humano, pois sem os dados da sensibilidade qualquer racionalidade cairá no vazio, por excluir aquilo que é conatural a cada um.

Bibliografia

- Antunes, M. (2005a). *Obra Completa do Padre Manuel Antunes SJ* (Coord. geral J. E. Franco) (t. I, vol. III). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Antunes, M. (2005b). *Obra Completa do Padre Manuel Antunes SJ* (Coord. geral J. E. Franco) (t. II). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Antunes, M. (2010). *Obra Completa do Padre Manuel Antunes SJ* (Coord. geral J. E. Franco) (t. I, vol. II, pt. II). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Antunes, M. (2011). *Obra Completa do Padre Manuel Antunes SJ* (Coord. geral J. E. Franco) (t. I, vol. II, pt. I [Anexos/Sebentas]). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bloom, A. (2001). *A Cultura Inculta. Ensaio sobre o Declínio da Cultura Geral*. Lisboa: Europa-América.